



DISTRAÍDOS VENCEREMOS: REFLEXÕES SOBRE UMA POSSÍVEL ROTA DE FUGA AO IMAGINÁRIO KAMPERIANO

Fabio Henrique Ciquini¹

Resumo

Com a crescente e incessante produção e disseminação de imagens na contemporaneidade, tem-se como consequência direta sua repetição constante pelos aparatos midiáticos bem como seu alojamento nos computadores e outros ambientes. Sob esse cenário, este artigo se propõe a discutir e apontar possíveis estratégias para não se cair em um processo de sedação causado pelo excesso de visualidade. Ao abordarmos o excedente quantitativo das imagens, sua reprodutibilidade e disseminação midiática, empregaremos, em especial Walter Benjamin e a iconofagia de Norval Baitello Jr. Para configurar a inaptidão social para consumir toda essa visualidade discutiremos os conceitos de “reino do lixo”, proposto por Vilém Flusser e “órbita do imaginário” de Dietmar Kamper. Seguindo ainda uma apreciação kamperiana, apontar-se-á, como possíveis rotas de fuga ao hiperinflacionamento imagético a necessidade de uma dispersão/distração (*Zerstreuung*) positiva e artilosa – conceito este abordado por Benjamin – consoante à força da imaginação (*Einbildungskraft*) desenvolvido por Dietmar Kamper. Dessa forma, com a proposta de um diálogo conceitual entre Benjamin e Kamper, considera-se que, frente ao excesso midiático de imagens, faz-se necessária uma força da imaginação dispersiva de caráter antropológico.

Palavras-chave: Imagem. Reino do lixo. Imaginário. Dispersão. Imaginação.

A letargia e os lotófagos

Na narrativa épica da Odisseia, o poeta Homero relata que após Ulisses e seus homens saírem de Troia, os ventos marítimos os conduziram para o sul, especificamente para a terra dos lotófagos, onde os habitantes da ilha alimentavam-se exclusivamente da flor lótus. Ao desembarcarem, alguns homens passaram também a se alimentar da doce florescência, que causava um torpor, uma narcose que provocava a dissolução da vontade e a suspensão do tempo e espaço “quem saboreava a planta do lótus, mais doce que o mel, não pensava mais

¹ Doutorando bolsista pelo CNPq no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e pesquisador vinculado ao CISC (Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia). Professor no Centro Universitário Fieo. E-mail: fabiociquini@gmail.com.

V COMcult

o que custa o virtual?

em trazer notícias nem em voltar, mas só queria ficar aí, na companhia dos lotófagos, colhendo o lótus, e esquecido da pátria” (Homero *apud* Adorno & Horkheimer, 1985, p.59). A apatia e languidez que os homens sentiam ao comer a flor era tamanha que não conseguiam sequer se levantar dos jardins, e, dessa forma, tinham de ser carregados para o navio. Ao se alimentar com a planta, retornavam a uma espécie de estado primitivo, apático e vegetativo, destituído de seus desejos, sem luta na “fértil campina” (id.ibidem), sem trabalho. Não se concentravam em outra coisa senão na flor, não projetavam o que tinham que fazer, apenas deleitavam-se com em uma espécie de hedonismo paralisante.

A ênfase assinalada por Adorno e Horkheimer entre a letargia dos comedores de lótus e sua indisposição para o trabalho/fértil campina é bastante significativa para compreender o espírito capitalista de trabalho na atualidade. Tendo como uma das assinaturas a necessidade de uma disposição integral para os atividades produtivas e uma crescente funcionalização e abstração da vida em favor de estatísticas numéricas, o trabalho quase sempre não permite distração; desviar-se das tarefas laborais significará insucesso profissional e indisposição com os superiores, que cobram incessantemente atenção e concentração dos funcionários em suas linhas produtivas. Atenção e distração, dessa forma, são consideradas atitudes completamente opostas, não apenas nas áreas profissionais distintas, mas de modo mais amplo na cultura.

Se, no trabalho os comedores de lótus são sistematicamente banidos e combatidos veementemente, após as extenuantes atividades profissionais de um dia eles tendem a aparecer. Acomodam-se sentados em seus sofás e são seduzidos pelas máquinas de imagens (Baitello Jr., 2012), que, a exemplo das flores dos lotófagos, também narcotizam e sedam, exibindo de modo fascinante - e sob uma máscara adocicada de entretenimento - suas imagens reiteradamente luminosas.

O foco como vida

Uma das palavras de ordem na atualidade é *foco*. Dita aos quatro ventos e em situações tão variadas quanto heterogêneas, ela tornou-se uma espécie de vocábulo pasteurizado e onipresente. Os esportistas a usam dizendo o quanto é importante “entrar focado no jogo”, no chamado mundo corporativo empresarial valoriza-se aquele que tem

V COMcult

o que custa o virtual?

objetivos claros, que foca no trabalho, que foca nos números de mercado e nas redes sociais, que foca até mesmo no descanso, quando ele existe. A atenção específica e delimitada à determinada atividade torna-se imperiosa em um sociedade cada vez mais ávida por crescimento de produção industrial, intelectual e inclusive lúdico. O *foco*² nesse sentido, instaura-se como uma elaborada instância reguladora tanto ao trabalho árduo, quanto da experiência lúdica: é uma expressão de funcionalização da vida que delimita o espaço e temporalidades específicas, condiciona os corpos e naturaliza a dor, cansaço e a falta de tempo, e, de certa forma, culpabiliza o ócio e todos os tipos de dispersão. Apenas como exercício intelectual livre, levando em consideração a quase onipresença desta palavra no universo do trabalho, poder-se-ia arriscar a inclusão da palavra *foco* junto à obra de Dietmar Kamper *O trabalho como vida* (1998), de tal modo que ficasse “*o trabalho focado como vida*”, uma vez que este vocábulo reflete o atual estágio predatório das empresas, cujas ações buscam incessante e crescentemente o lucro.

Com o tal foco, o corpo paga alto preço: empregados comem mal e rapidamente, não há tempo suficiente para o descanso nem tampouco exercitar-se e, conseqüentemente, as dores aparecem e muitas vezes são ignoradas. Uma das possíveis raízes para este processo de naturalização das dores e agruras do corpo seria o cristianismo, principalmente por torná-las parte de um processo intrínseco à ascese dos mártires, ascetas e penitentes que enfrentavam intempéries da natureza, jejuns e castigos terríveis com uma tranquilidade impassível, a exemplo de São Sebastião. Há uma concessão à suavidade nas representações artísticas desses homens, afirma Umberto Eco (2007). “Mais do que o tormento, importa antes a força viril ou a doçura feminina com que os santos o enfrentam” (2007: 56). Os eremitas também são conhecidos pela sua resiliência diante da dor e sofrimento, como São Simeão, o antigo, um asceta que teria vivido grande parte da sua vida em cima de uma coluna de pedra.

Ainda consoante ao processo ontogenético de condicionamento dos corpos à dor e renúncia de sua própria corporeidade, Michel Foucault (2014) e Dietmar Kamper (1998) abordam o disciplinamento dos corpos e sua submissão a instituições como o convento, por exemplo. Para Kamper (1998:24) as práticas rotineiras diárias de oração e trabalho (*Ora et*

² Salienta-se que a utilização da expressão “focar” em língua portuguesa advém do verbo em língua inglesa *to focus*, expressão comum nas empresas e corporações americanas.

V COMcult

o que custa o virtual?

Labora) que se intensificam a partir do século XI é determinante para a criação de sincronicidades e condicionamento aos corpos. “Todas as atividades no convento, por exemplo, não poderiam durar mais que três horas, inclusive o sono era interrompido a cada três horas e era intercalado com práticas religiosas” (idem, *ibidem*). Na esteira dessa domesticação dos corpos que se inicia na Idade Média e avança triunfalmente até os dias atuais, o trabalho, principalmente a partir da Revolução Industrial mecânica, incorpora-se à rotina da grande maioria; a atividade que antes era indigna dos nobres hoje é parte indissociável de uma sociedade que mede seu valor por ritmos produtivos cada vez mais aquecidos e que tem na desfronteirização espaço temporal uma de suas características atuais mais perversas – aplicativos de conversação para celulares são empregados para discussões em grupo sobre o trabalho mesmo nos finais de semana. O imperioso foco exigido por rotinas produtivas dissemina-se como algo supostamente positivo e absolutamente necessário à sobrevivência em uma sociedade competitiva, que, tal como a igreja na Idade Média com os mártires, penitentes e eremitas, nos quer seráficos diante das necessidades e dores corporais e sem desviar atenção.

A mídia e ofuscamento por imagens

Principalmente à partir do início do século XX, pesquisadores e intelectuais como Walter Benjamin, Jean Baudrillard, Guy Debord, Daniel Boorstin e, mais recentemente, Hans Belting, Dietmar Kamper e Norval Baitello refletem sobre a presença maciça das imagens como mediação da realidade e projetam cenários analíticos sobre seus efeitos. Sabe-se que, com o mecanismo de reprodutibilidade técnica, como afirmou Benjamin no célebre texto *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*, escrito em meados de 1935, a quantidade de imagens em circulação, principalmente com o advento da fotografia, aumenta exponencialmente, diminuindo seu valor de culto e conseqüentemente incrementando seu valor de exponibilidade.

Em tempo recentes, Norval Baitello (2005) também alerta para o fenômeno do excesso de imagens na contemporaneidade afirmando que, com o desenvolvimento dos suportes materiais para sua exibição, bem como seu barateamento, elas se multiplicam, se inflacionam

V COMcult

o que custa o virtual?

e passam a ser produzidas em larga escala. Com este excesso de visualidade, sofre a visibilidade: os olhos tornam-se cansados e fatigados, pois imagens em demasia não promovem uma melhor comunicação, pelo contrário, no exagero, elas mais ofuscam e obliteram a percepção do que efetivamente comunicam.

Assim, como toda visibilidade carrega consigo a invisibilidade correspondente, também a inflação e a exacerbação das imagens agrega um desvalor à própria imagem, enfraquecendo sua força apelativa e tornando os olhares cada vez mais indiferentes, progressivamente cegos, pela incapacidade da visão crepuscular e pela univocidade saturadora das imagens. (BAITELLO Jr., 2005, p.85)

No bojo dessas análises estão as imagens disseminadas pela mídia na contemporaneidade, que, para além de sua hipertrofia quantitativa, passam a ser confundidas com a própria realidade (Belting, 2007) e causando sequelas no sentido da visão.

Os olhos não acompanham; seja pela abundância de imagens, seja pela acelerada aparição e desaparecimento de coisas. A imaginação na Idade Média ainda pura paixão (*Passion*), na modernidade, inversamente, a atividade principal de um sujeito cujos olhos iluminam, naufraga por isso no padecimento (*Leiden*). A órbita ocular dos companheiros de espaço (*Raumgenossen*) tornou-se estúpida. Quase tudo passa por ela, mas ela não mais se detém ou não retém mais nada (KAMPER, 2006, p.117).

O diagnóstico apocalíptico, e como tal, revelador de Dietmar Kamper a respeito do padecimento dos olhos leva em conta o processo hipertrófico quantitativo das imagens, principalmente em voga após o Renascimento. Pelo excesso, as imagens não são mais retidas por esse sentido, elas apenas passam e são reiteradamente repetidas pelos aparatos midiáticos. Tal repetição, como sintoma da reprodutibilidade, afirma Baitello Jr (2005, p.49) ocorre porque “não são mais os olhos que buscam as imagens, mas o oposto, as imagens nos procuram” e querem se animar por meio da nossa visão. Nessa dinâmica perniciososa e exploratória, como há uma grande quantidade de imagens sendo devoradas por nós e nos devorando (Idem, ibidem) geram-se consequências socioculturais e que aqui nos interessam sobretudo duas: O que ocorre com todo esse lixo imagético não digerido? Como perscrutar algo, além das imagens, nas próprias imagens?



Reino do lixo e órbita do imaginário

A overdose de imagens, afirma Kamper, complexifica sua própria compreensão – já que ofuscam pelo excesso - e causa o extenuamento dos olhos. Com tendência ao esquecimento, grande parte dessa enxurrada imagética aloja-se em memórias virtuais, mídias de gravação, discos rígidos, banco de imagens, e, contemporaneamente, de forma ampla, no ciberespaço. Diante desse acúmulo de detritos que são as imagens inconsumidas e mal digeridas pode-se pensar na acepção sobre o lixo elaborada por Vilém Flusser, que se forma e se acumula por nossa inaptidão e “impotência para o consumo total” (Flusser, 1972, p.35).

Flusser, no texto *A consumidora consumida*, publicado na revista *Comentário* no ano de 1972 aborda de maneira genérica³, entre outras coisas, a atual incapacidade da sociedade do consumo (especialmente a mulher) em consumir tudo o que produz, consumo este que é visto por uma ótica invertida, pois, segundo o autor,

Aquilo a que chamamos de sociedade de consumo é justamente uma sociedade que não consegue consumir tudo o que produz, gerando uma grande quantidade de lixo, de detritos [...] que não são mais natureza – são o resultado de sua devoração – e também não são cultura, visto que já foram usados e descartados (FLUSSER, 1972, p.35).

Os restos inconsumíveis amontoam-se pelos cantos formando, portanto, o reino do lixo, cujo conteúdo “merece uma atenção mais apurada, porque tende a ser a parte mais determinante da condição humana” (Idem,p.36).

O produto consumido não é natureza, é lixo. Isto é: antinatureza e também anticultura. Na sua antinaturalidade, o lixo se parece com a cultura e na sua anticulturalidade ele se parece com a natureza, mas não se confunde com nenhum dos dois reinos. De forma que consumir não significa devolver algo à natureza, mas estabelecer um terceiro reino da realidade: o reino do lixo (FLUSSER, 1972, p.38).

Caberia então, segundo o filósofo tcheco-brasileiro, às ciências arqueológicas como a etimologia, a psicanálise, a própria arqueologia entre outras, o papel de remexer nesses detritos, pois, segundo Baitello Jr. (2010, p.26), é o “passado recusado, jogado fora, que passaram a condicionar as perspectivas da sociedade futura”.

³ Segundo o Prof. Dr. Norval Baitello Junior, em aula proferida no dia 07/11/2013 e registrada em áudio, Flusser fala genericamente do consumo de produtos e aqueles inconsumidos que se tornam lixo. Apesar da aparente objetividade afirma Baitello Jr, Flusser nos instiga a pensar, por exemplo, na questão do lixo imagético.

V o que custa o virtual?

De forma análoga ao conceito flusseriano de “reino do lixo”, Dietmar Kamper aborda em diversos textos, o conceito de imaginário de modo singular: trata-se de um complexo que contém o inconsumido, o recalcado, os dejetos culturais em suas distintas manifestações e que orbita em nosso entorno, obliterando nossas perspectivas e ofuscando a imaginação. “É um coletivo imaginário de proporções mundiais, é uma imensa bolha, pura imanência sem exterior, uma prisão feita de imagens de liberdade[...] aqui o real acontece somente como assombração” (Kamper, 2009, p.29). No texto *Imagem* :

O imaginário é aquele querer esquecer que recorda e aquele querer recordar que esquece. E precisamente quanto menos imagens (a favor de uma única imagem) melhor a lembrança, e quanto mais imagens, menor a memória (KAMPER, 2002 p.11)

Oliveira (2014, p.167) afirma que o conceito de imaginário para Kamper se refere “a um conjunto de manifestações totalitárias na recente cultura do Ocidente, ligadas à perda da corporeidade, à abstração e à fabricação técnica de imagens” Ainda para Kamper, os meios de comunicação tem papel preponderante na insuflação dessa órbita do imaginário, já que fabricou verdadeiras “cavernas de imagem” que funcionam como prisão e não possibilitam ver “nenhum além para além de sua própria cavidade” (1997, p.232), alimentam-se “não de sonhos, mas de seus restos, derrotas, frustrações e conteúdos reprimidos” (Oliveira, 2014, p.168). Dessa forma, o imaginário atrapalha os sonhos e devaneios, as imagens internas que emergem da força da imaginação, das porosidades do corpo.

Sob essas concavidades que são o reino do lixo e a órbita do imaginário onde se acumulam detritos inconsumidos e mal digeridos, sonhos fracassados e todo um mundo simbólico, como é possível perscrutar - seguindo o questionamento kamperiano – algo além das imagens, nas próprias imagens? No entrecruzamento com órbita do imaginário, de forma quiasmática, está a força da imaginação (*Einbildungskraft*), uma força do corpo que não segue ordenamentos, uma entrega ao fluxo da vida, um distrair-se ardiloso e ativo de impulso mimético que pode dirigir-se ao recalcado, um antifoco vivaz e astuto.

A encruzilhada como rota de fuga

a) Distração/dispersão

V COMcult

o que custa o virtual?

A segunda versão do texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, na qual Benjamin trabalhou entre o final do ano de 1935 e o início de 1936, foi encontrada e recuperada nos arquivos de Max Horkheimer apenas em meados dos anos 1980 e publicada em 1989 no volume suplementar VII de *Gesammelt Schriften* (obras reunidas). Segundo Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado, em prefácio à primeira edição brasileira da segunda versão, publicada em 2012, há diferenças importantes com relação à primeira versão do texto, já que a segunda é resultado de uma ampliação e revisão e traz alguns conceitos não elaborados para a primeira edição, publicada na França e com alterações propostas por Horkheimer.

Aparecem na segunda versão, a saber: uma teoria da mimese na arte pautada na relação entre aparência (*schein*) e jogo (*spiel*); e uma teoria do afrouxamento (*auflockerung*) da massa proletária compacta, que a transformaria em classe com consciência revolucionária (MACHADO, 2012, p.5).

Dentre os pontos célebres destacados por Benjamin nesta segunda versão, há a retomada da oposição entre valor de culto e valor de exposição da obra de arte, entre contemplação e desaturização, que estaria não somente em um contexto da teoria estética da obra de arte, mas amplificada para um caráter antropológico em que o lúdico e o mimético ganham espaço, transformando, assim

A questão da arte autêntica ou verdadeira numa outra: a de formas de experimentação, de jogo, de exercício lúdico, formas de percepção (*aisthèsis*) ampliada e mutante, antes de serem formas artísticas determinadas (GAGNEBIN, 2014, p.118).

Dessa forma, com o declínio do *aqui e agora* aurático, a questão fundamental que se colocaria seria menos a questão da reprodutibilidade da arte e sua consequente popularização para as massas, e mais as possibilidades de criação de um espaço do jogo (*spiel-raum*), práticas de experimentação mimética e lúdica de caráter antropológico. Consoante a estes espaço de jogo, pode-se pensar na apreciação benjaminiana de distração/dispersão (*Zerstreuung*), que se configura positivamente como pulsão mimética e lúdica, uma “atenção” que não segue linearidades, mas caminhos tortuosos, um deixar-se conduzir desatentamente por caminhos pré-traçados e atentamente por descaminhos (GAGNEBIN, 2014). É a

V COMcult

o que custa o virtual?

percepção dos quiasmas, das zonas intervalares entre luz e sombra, o que se mostra/recalca, lembrança/esquecimento, querer/não querer, consciência/inconsciência.

Se por um lado Benjamin concebia a distração como uma possibilidade de dispersão artilosa, mimética e lúdica, Adorno – mesmo reconhecendo seu caráter inventivo – notabiliza sua face nociva e perversa que oblitera e recalca a primeira e promove tragédias sociais como a adesão das massas ao antissemitismo. A indústria cultural – mesmo empregando estratégias embustieras como a onipresença do entretenimento – impõe uma distração nociva, uma única fruição “transformada e alienada, passível e obediente, na propensão induzida a consumir mercadorias compensatórias de relaxamento e distração, produzidas pela indústria cultural” (GAGNEBIN, 2014, p.110).

Ao se aderir apenas à face luminosa e mais aparente da indústria cultural, vive-se em uma espécie de ilha dos lotófagos: imagens são disseminadas aos ventos e caçam incansavelmente nosso olhar nos consumindo, suspendendo o espaço tempo e narcotizando. Como componentes da órbita do imaginário e do reino do lixo, elas ofuscam a realidade material e corpórea e também nossas imagens endógenas, colocam-se com representações inequívocas e modelos a serem seguidos, travestem-se matreiramente de entretenimento e de necessidade em estar bem informado e roubam atenção e tempo de vida.

Por outro lado, no entanto, como estratégia para não se cair em um poço apocalíptico de letargia, a distração/dispersão em seu caráter artiloso e inventivo – tal qual formula Benjamin – é absolutamente útil, já que propõe, despreziosamente, descaminhos e atenção dirigidos para as encruzilhadas como possibilidade de novos horizontes e que podem vislumbrar outras viagens como “ouvir o inaudito e tocar o intocado” (GAGNEBIN, 2014, p.111). Se, para o filósofo alemão “método é desvio”⁴, essa deriva proposta evoca o pensamento kamperiano de que “qualquer um pode fazer magia, desde que não queira” (*apud* NAVES, 2014, p.170) e coloca-se como uma epistemológica do *pathos* na qual opera uma tensão/distensão dos fatos, trabalha-se com aproximações transversalizadas, atenção/distração estão de mãos dadas e se entreolhando o tempo todo, assim como a racionalidade cede ao intuitivo e à força da imaginação.

⁴ *Method ist umweg* : citação presente no início da obra *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.



b) *Einbildungskraft* ou força da imaginação

Como explanado acima, os processos de reprodutibilidade técnica da imagem promovem o seu barateamento e conseqüentemente instala-se um cenário no qual, praticamente as imagens se fazem onipresentes. Diante dessa profusão projeta-se o “reino do lixo” (Flusser, 1972) e “órbita do imaginário” (Kamper, 2002), constituídos por detritos da cultura inconsumida, sonhos fracassados e imagens que estrategicamente são repetidas por ações midiáticas e são por nós devoradas e nos devoram (Baitello Jr, 2005).

Nesse sentido, uma das imagens midiáticas mais difundidas e presente na órbita do imaginário é a do trabalhador capitalista bem sucedido: bem vestido com roupas da moda, suas ações denotam objetivos claros, seriedade e principalmente foco, ele não se desvia da atividade produtiva e trabalha muito, sem reclamar, opera em uma lógica da razão instrumental funcionalista. É símbolo de um capitalismo progressivo e ciência positivista que avidamente aderem ao imaginário e conseqüentemente desabonam e rebaixam a imaginação a um estado de ocultismo barato, improdutivo e pueril. É uma imagem luminosa e desejada, sinônimo de sucesso e aqueles que “trabalham focado” um dia podem conquistá-la.

Na concepção de Dietmar Kamper, presente no texto *Imagem* (2002), a imaginação ou fantasia:

Pode-se responder que ela não é um objeto com que se tenha sucesso sem apreendê-lo. Como a mais bela de suas alegorias, o unicórnio, não se pode caçá-la, mas sobretudo ela aparece em certas circunstâncias que hoje são muito improváveis. A fantasia não é um sentimento, mas um modo antigo de conhecimento pré-racional. É a raiz antediluviana da qual derivam também a razão e o intelecto [...] a fantasia não é a mais velha das formas de conhecimento; com base nas hipóteses da antropologia e da teoria da evolução, tem cerca de 100.000 anos. Enquanto imaginação, que cria mitos e religiões, há sempre o que fazer com a elaboração dos medos ancestrais. A fantasia, em suma, é uma lâmina de dois gumes. Pode machucar quem com ela entra em contato. (KAMPER, 2002, p.7).

Como “unicórnio que não se pode caçar”, a imaginação torna-se ridicularizada pois seu caráter é imaterial e etéreo, mesmo sendo uma força corporal – e em oposição a outras que podem ser medidas – a imaginação não é quantificável, mas experienciável no sonho, mito, devaneio e magia e está vinculada a uma paixão (pathos), “uma relação que co-move” (NAVES, 2014, p.171). Em harmonia ao conceito de distração/dispersão (*Zerstruung*) a

V COMcult

o que custa o virtual?

imaginação tem algo de pulsional e impulso mimético que segue lastros não programados, ela é um profícuo distrair-se entre desejos que vez ou outra – sem questionar – esbarra em um conhecimento profundo e em uma memória involuntária atravessada pelo esquecimento, é antimétodo sem amarras nem arestas que dilui racionalismos e faz magia sem querer (idem, *ibidem*). Ainda de acordo com Kamper, a força opositiva entre racionalidade e força da imaginação:

Enquanto a razão tem seu quadro transcendental, no qual pode ser testada em suas intenções, capacidades e desempenho, o horizonte da força da imaginação é tão desconhecido quanto ela própria. Enquanto o entendimento encontra um fundo para se apoiar ou mesmo se insurgir, a força da imaginação toca o abismo (KAMPER *apud* NAVES 2014).

A despeito de um atual processo de ridicularização da força da imaginação, ela se perfaz como recurso antropológico presente em um pensar corporal que, na atualidade, frente ao bombo da órbita do imaginário e do reino do lixo, torna-se enfraquecido já que é bombardeado repetidamente por imagens externas. Em sua força que emerge dos poros, a imaginação é uma das estratégias possíveis para enxergar algo além das imagens, nas próprias imagens.

Considerações finais

Como possíveis rotas de fuga ao imaginário e suas práticas ostensivas e predatórias de pasteurização das imagens internas pede-se não uma utópica diminuição na produção e disseminação das imagens midiáticas, mas sim um escape pelo meios considerados menores e combatidos. Se, na atualidade, grande parte do repertório da órbita do imaginário e reino do lixo traveste-se de entretenimento luminoso, narcotizante e sedativo - tal qual as flores dos lotófagos - e se projeta, por exemplo, na imagem do profissional focado, bem sucedido e alheio aos sofrimentos, a rota de fuga proposta neste artigo se configura como encruzilhada, bifurcando-se em força da imaginação e distração. Contra as armadilhas capciosas de uma imagem solar, uma anti-imagem lunar que se desdobra no sonho, no desconhecido, na mimese, no lúdico e na fantasia; segue seus descaminhos imprevistos e aleatórios, dispersa-se

V COMcult

o que custa o virtual?

em lembrança e esquecimento, evoca o recalque e a inconsciência, age unicamente pela força dos apaixonamentos.

Agindo arditamente com a distração/dispersão (*Zerstreuung*) e a força da imaginação (*Einbildungskraft*) olha-se para os lados e para trás, sente-se o entorno, a força que emerge do corpo e depara-se, despreziosamente, com encontros numinosos e reveladores. Tal qual magia, mimetismo, vertigem, audição, sonho e heresia, a dispersão/distração e a força da imaginação são estratégias para sair do imaginário e modos de se chegar à concavidade do reino do lixo e, dessa forma, revirar em busca de detritos inconsumidos, matéria escura e as sombras da cultura. São ardis para superar a vida letárgica e apática (sem paixão) da nossa ilha dos lotófagos - que narcotiza pela excesso de imagens - e, dessa forma, voltar-se ao vórtice que nasce ao centro destas, e com isso desvendar novas possibilidades, e principalmente voltar à corporeidade e restituir o valor antropológico da força da imaginação.

Como escrevera o poeta paranaense Paulo Leminski: “[...]Seria demais, certamente, supor que eu não precise mais da realidade. Seria de menos, todavia, suspeitar sequer que a realidade possa ser a verdadeira mãe destes dizeres tão calares” (LEMINSKI, 2013, p.404). Na distração entre realidade, sonhos e devaneios, mas sempre por descaminhos apaixonantes de conexões improváveis, venceremos.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BAITELLO JR. Norval. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker editores, 2005.
- _____. **A serpente, a maçã, o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- BELTING, Hans. **Antropología de la imagen**. Buenos Aires: Katz editorial, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2012.
- _____. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- _____. **Obras escolhidas II. Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012.

V COMcult

o que custa o virtual?

- _____. **Obras escolhidas III. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo.** Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ECO, Umberto. **História da feiura.** Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- FLUSSER, Vilém. A consumidora consumida. **Comentário**, Rio de Janeiro, n.51,p.35-47, 3º trimestre de 1972. Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração.** São Paulo: editora 34, 2014.
- KAMPER, Dietmar. A estrutura temporal das imagens. **Princípios**, São Paulo, v.04, n.05, p,229-236, 1997.
- _____. **O virtual como variante da ausência.** Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015.
- _____. **Imagem.** Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015.
- _____. **Corpo.** Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015.
- _____. **Fantasia.** Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015.
- _____. **Loucura.** Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015.
- _____. **Imanência dos media e corporeidade transcendental.** Trad. Ciro Marcondes Filho. Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015.
- _____, MERSMANN, Birke. BAITELLO JR. Norval. **Imagem e violência:** sobre o futuro da visibilidade. Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015
- _____. **Motim contra o canibalismo da civilização.** Trad. Danielle Naves de Oliveira. Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015
- _____. **Tempo como repetição paradoxal.** Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015
- _____. **Re-signação em São Paulo.** Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 12 out. 2015
- _____. **Ocidentalização .** A direção do sol poente como forma de vida. Trad. Danielle Naves de Oliveira. **Ghrebh-**, v.I, n.18.p.20-31, 2012.
- _____. **O trabalho como vida.** Org: Cleide Riva Campelo. São Paulo: Annablume, 1998.
- _____. Os padecimentos dos olhos. In CASTRO, Gustavo; CARVALHO, Edgar de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição de (Orgs.). **Ensaio de complexidade.** Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 116-121.
- LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia.** São Paulo: Companhia das letras, 2013.
- OLIVEIRA, Danielle Naves de. Mudança de horizonte: Dietmar Kamper, um herege na cruzada do imaginário. **Esferas**, Brasília, ano 3, nº 4, p. 167-173, 2014.
- _____. No escurinho por favor. Sobre hermetismo e escritas em Dietmar Kamper. **Ghrebh-**, v.I, p. 159-178, 2012.
- _____. **Poros - ou as passagens da comunicação.** 2007. 136f. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-21072009-203008/pt-br.php>. Acesso em 17 jun.2015.